

Saúde no DF

Mais um sinal de alerta em relação à saúde foi registrado: o Hospital Regional de Taguatinga (HRT) fechou não só seu berçário como também sua Clínica Obstétrica. A razão foi o alto índice de infecção hospitalar. Pelas normas internacionais (da Organização Mundial da Saúde), o máximo de infecção tolerável é de sete por cento, mas naquelas duas unidades do HRT vinha sendo de dezoito por cento.

A taxa de infecção hospitalar observada no HRT representava a contaminação, no berçário, de noventa crianças por mês. Uma calamidade indesfazável. O pior é que tal fenômeno parece ser frequente no Distrito Federal, só que não é denunciado com a mesma

clareza verificada em Taguatinga.

No HRT a direção apontou como causas do problema a superlotação do berçário e da obstetrícia, a falta de pessoal qualificado e a especulação decorrente da política econômica que faz desaparecer do mercado produtos indispensáveis ao funcionamento adequado de um hospital.

O diretor do Hospital disse ainda que a capacidade de atendimento do berçário, 57 leitos, seria suficiente para o atendimento da população de Taguatinga. Entretanto, tem de atender também a parte da população da Ceilândia e das invasões existentes na área.

As deficiências do sistema hospitalar do DF são por demais conhecidas. As cidades

cresceram demasiadamente em pouco tempo e a infra-estrutura de atendimento sanitário e hospitalar não acompanhou, no mesmo ritmo, este crescimento. Não somente as instalações físicas como também o equipamento humano não seguiram este movimento. Mas não basta que se constate esta deficiência. Isto já foi feito reiteradas vezes.

E verdade que de nada adianta lamentar o desaparecimento do exercício da medicina como um sacerdócio. Hoje as pessoas que lidam com a saúde são profissionais como as demais: estão no mercado de trabalho a lutar pela vida como qualquer cidadão comum. O que não se pode deixar de exigir é que sejam profissionais competentes.